

Lusíada



Repositório das Universidades Lusíada

Universidades Lusíada

Andrade, Marília de Carvalho Seixas

O seminário sobre «trabalho social e promoção humana»

<http://hdl.handle.net/11067/3495>

Metadados

Data de Publicação	1985
Palavras Chave	Assistentes sociais - Prática profissional
Tipo	article
Revisão de Pares	Não
Coleções	[ULL-ISSSL] IS, n. 02-03 (1985)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-04-19T20:11:44Z com informação proveniente do Repositório

O SEMINÁRIO SOBRE «TRABALHO SOCIAL E PROMOÇÃO HUMANA»

*Marília Andrade **

I — Alguns dados sobre o acontecido

Nos dias 12, 13, 14 e 15 de Setembro de 1985, realizou-se em Barcelona um Seminário tendo por tema — Trabalho Social e Promoção Humana —. Promovido pela UCISS (Union Catholique Internationale de Services Sociaux), foi organizado com a colaboração da Escola Universitária de Trabalho Social de Barcelona e do CIDOB (Centre d'Informació i Documentació Internacional de Barcelona).

Os objectivos definidos para o Seminário foram os seguintes:

- 1 — «Potenciar experiências de Trabalho Social de base, na América Latina e em Espanha, entendendo Trabalho Social como desenvolvimento e promoção da comunidade.
- 2 — Intercambiar experiências inovadoras de Trabalho Social, como desafio à injustiça social existente na América Latina.
- 3 — Facilitar o encontro de trabalhadores sociais da América Latina e da Europa.»

O Seminário dirigia-se a Trabalhadores Sociais, Educadores e Animadores sócio-culturais que pudessem levar as suas experiências inovadoras e as suas reflexões no âmbito da promoção social.

A participação, numerosa, activa, interessada e interessante, somou 111 participantes, a maioria dos quais Assistentes Sociais, a maioria dos quais de Espanha, logo seguidos dos Portugueses e Latino-Americanos.

O programa, que foi praticamente cumprido na íntegra, previa um conjunto de Conferências, Mesas Redondas, Comunicações Diversas, Projectação de Materiais

* Assistente Social e Professora no ISSSL.

Audio-Visuais e ainda Trabalhos de Grupos, ao fim da tarde sobre os temas tratados durante o dia.

As Conferências, da responsabilidade de especialistas, tiveram particular interesse — «América Latina; una y diversa» — perspectiva antropológica de Xavier Albó, da Bolívia e «Visión Económica de los problemas de América Latina» de Luis Sebastian, de Barcelona, proporcionaram um conhecimento da realidade latino-americana e enquadraram a exposição de outros especialistas: — «El Trabajo Social en Centroamérica y en el Cono Sur» por Francisco Oliva da Nicarágua; «Programación Social con Refugiados en Centroamérica» por Carlos Boggio do ACNUR; e ainda uma reflexão de Xavier Albó «A Propósito de la Experiencia de CIPCA» — Bolívia.

Também interessantes e talvez suscitando mais participação e diálogo, foram as comunicações sobre trabalhos desenvolvidos em Cuba, Argentina e Barcelona. Destacamos a comunicação de Manuel Toymil que nos trouxe reflexões sobre a mudança de atitude do Trabalhador Social em razão das transformações sócio-económicas, culturais e políticas resultantes da Revolução Cubana e das novas possibilidades de actuação do Serviço Social, revalorizado prática e conceptualmente.

As Mesas Redondas foram preenchidas com testemunhos sobre experiências bastante diversificadas, agrupadas por três temáticas: «De la Marginalidad à la Participación Comunitária» — Chile e Espanha; «El Trabajo Social Rural» — Portugal e Espanha, e ainda, «Formas de Organizacion de los Jóvenes en Médios Deprimidos» — Nicarágua e Espanha.

A riqueza das experiências e a capacidade de diálogo foram também uma constante nos Trabalhos de Grupo onde se debateram problemas de fundo do Trabalho Social — Mudança, Participação, Promoção Humana — e se questionaram formas de actuação, atitudes profissionais e grupos populacionais abrangidos.

A troca continuou de forma mais anónima, menos sistematizada mas igualmente enriquecedora nas conversas à mesa do almoço ou do café, nos passeios em grupo, à noite, por essa cidade surpreendentemente viva e cheia de contrastes que é Barcelona, nos momentos de descontração e alegria proporcionados pela festa.

O valor intrínseco das comunicações, o encontro através das experiências vividas/contadas, o desvendar conjunto das dificuldades, o questionamento das «ideias» feitas/fixas, a descoberta da solidariedade, deixaram-nos o sentimento de ter avançado em conjunto no conhecimento e de ser capaz de recusar soluções profissionais mais fáceis mas menos válidas, criando alternativas próprias, necessárias a uma maior participação dos homens na transformação das suas situações de vida e transformação social que os nossos países precisam.

II — Uma reflexão possível; do dito ao não dito

— O Seminário, recolocação

Pretendia-se, através do intercâmbio e discussão de experiências latino-americanas, espanholas e portuguesas, a abertura de um diálogo que conduzisse à descoberta e afirmação de novas pistas para o Trabalho Social.

Ao perigo iminente de uma excessiva técnicação e burocratização, contrapôs-se, audaciosamente, um Trabalho Social Comunitário, inovador e creativo, orientado para a promoção humana.

— A Solução recusada

Ao pretender abandonar o assistencialismo, muitos Assistentes Sociais adoptam modelos tecnocráticos. A intervenção é então norteada por princípios e objectivos que se integram numa determinada concepção do homem e da sociedade e têm como meta, alcançar o Estado de Bem-Estar.

Para nós, os referido modelos tecnocráticos estão tanto ou mais «inquinados» que os modelos recusados do mero assistencialismo; Nem uns nem outros assumem como essencial, a participação efectiva do sujeito individual e colectivo na procura e concretização dos bens e serviços de que precisa.

Na verdade, tanto os modelos assistencialistas como os modelos tecnocráticos consideram algumas pessoas como indivíduos desadaptados, carenciados, deficientemente socializados que por falhas ao nível da família e do meio cultural, ou por falhas ao nível das respostas públicas (ensino, trabalho, saúde, habitação) não têm/tiveram acesso aos benefícios da sociedade.

Para atender a estes casos, a esta flagrante situação de injustiça, opressão e discriminação, respondem com uma simbiose técnicos-políticos e encontram duas soluções:

- potencializar a capacidade de socialização do meio, reformando instituições caso a caso:
(Aumentam a capacidade de resposta das instituições, o número de casos atendidos, mas não questionam as instituições na sua globalidade nem o contexto a que pertencem).
- criar outras instituições de resposta específica integradas nos Serviços Sociais.
(Estas instituições, tendo como objectivo compensar a marginalidade, ainda a acentuam mais, retroalimentando o processo e o sistema).

Nesta simbiose técnicos-políticos, o A.S. é o técnico, um «científico-prático» teoricamente sem opção política, que trabalha aceitando implicitamente a política social das instituições legitimadoras da sua actuação. Cumpre alienantemente a sua função técnica. Utiliza os recursos que lhe são colocados à disposição. O seu trabalho tem como finalidade potencializar as situações de bem-estar, *normalizando*, curando as enfermidades sociais. Processos de «participação», dinamização, estruturação e organização da comunidade chegam a ser, por vezes, empreendidos. Esses processos são entendidos como recursos importantes, mas as pessoas, os grupos, as comunidades, são consideradas como meros *objectos*. Os objectos manipulam-se, catalogam-se e sujeitam-se, se necessário, à análise e tratamento de uma enorme multiplicidade de técnicos especialistas (sociólogos, psicólogos, terapeutas...).

Criam-se bens e serviços, conseguem até elevar-se os níveis de vida mas tais quantidades não são acompanhadas por um desenvolvimento/crescimento humano e social.

— A Alternativa

A profissionalização da assistência, a racionalização dos recursos, a procura da origem dos males sociais, a questionação e reconceptualização do Serviço Social, é um percurso que não podemos deixar desembocar nos modelos tecnocráticos da Acção Social, sob pena de alienação progressiva dos Trabalhadores Sociais e das populações a quem esses modelos são dirigidos.

Estamos perante uma situação difícil. A crescente crise económica cria, a um ritmo galopante, necessidades e problemas sociais cada vez mais graves.

As situações extremas em que se encontra um cada vez maior número de pessoas, só podem resolver-se através de mudanças estruturais e de mentalidades. Apontamos para um caminho lento de transformações a nível de atitudes colectivas e individuais; para uma intervenção norteada por princípios e objectivos direccionados para um desenvolvimento humano-social. Os homens mudam não passivamente, não individualmente, mas nas suas relações uns com os outros e na sua organização social.

É evidente que há situações que não podem esperar. Consideramos a necessidade de atender imediatamente a situações urgentes. Há que utilizar, como é óbvio, todos os recursos institucionais e disponibilizar os recursos possíveis para minorar o problema. Mas intervir no sentido da mudança exige mais dos Trabalhadores Sociais do que a resposta assistencialista ou tecnocrática. Exige uma atitude crítica, creativa, reflexiva e lúcida.

Para além da resposta aos problemas mais urgentes, há que maximizar a utilização dos recursos canalizando-os para outro tipo de acções.

Alguns Assistentes Sociais vêm implementando esse outro tipo de acções.

- Acções que desenvolvem as capacidades do sujeito individual e colectivo, a nível cognitivo, organizativo e relacional, mobilizando simultaneamente, as estruturas organizativas locais, por forma a criar condições propícias à alteração das situações concretas de vida.
- Acções que possibilitam aos sujeitos, assumir como válida uma cultura específica, optar, participar, fazer a sua própria história.
- Proporcionam a colectivização dos problemas e explicitação das razões que levam pessoas e conjuntos a permanecer em estados de necessidade e dependência que as incapacita de tomar o seu destino nas próprias mãos.
- Desencadeiam processos que, para além da conscientização, fortalecem a economia local, provocando/possibilitando a emergência de organizações económicas locais e/ou grupos que trabalham/subsistem em sistema de oficinas ou de serviços.

A actuação do Assistente Social efectiva-se em situações concretas, explorando hipóteses e tendo em conta limitações várias, determinadas por um dado sistema de produção, distribuição e consumo.

A intervenção do Trabalhador Social situa-se realisticamente, prevalentemente, a micro-nível.

A percepção clara da situação real em que se encontra o sujeito/objecto da nossa acção é fundamental. A intervenção do profissional de Serviço Social, parte

das situações de vida dos sujeitos implicados e potencializa/reforça/provoca alternativas de solução próprias. Valem mais as soluções «menos boas» assim encontradas/construídas, do que as ótimas «soluções» abstractas, normalizadas e por consequência desadequadas àquele espaço naquele tempo.

As acções que possibilitam/viabilizam a mudança de atitudes individuais e colectivas, que possibilitam os processos organizativos, têm como base, muitas vezes, um trabalho que reforça valores, descobre o sentido da solidariedade inter-pessoal, revitaliza a comunidade de vizinhança. Actividades no domínio do informal, têm-se revelado também importantes (a festa, o espectáculo, o desporto, o encontro).

O Assistente Social tem que procurar/investigar, no «terreno» as forças vitais, as tendências positivas que podem conduzir, naquele caso, à modificação controlada da situação.

A troca de experiências entre profissionais, pode ser um precioso contributo se fôr relativizada, integrada nos contextos e situações próprias, questionada, discutida.

O marco teórico é a bagagem que possibilita o conhecimento/investigação do real, que guia na procura de soluções e na implementação e controle das acções.

O que o Assistente Social traz e elabora é sempre confrontado/sujeito à crítica permanente, face à realidade da comunidade em presença.

É neste confronto da teoria com a prática e da prática com a teoria que se constroem os modelos próprios de intervenção, intervenção situada, temporizada.

O trabalho do Assistente Social é desta forma, desalienante para ele próprio e para o sujeito em situação-problema ou em situação-necessidade, é produtor de identidade.

A intervenção do Trabalhador Social numa perspectiva de promoção humana é assim, aquela que preconizamos, nas comunidades urbanas e rurais das sociedades onde hoje se reconstroem estruturas democráticas.

Lisboa, 30 de Outubro de 1985.